Mãos contemplativas

Segunda parte

A unidade espirtual

Na base do equilíbrio perseguido pelo estilo de vida monástico está o princípio da unidade espiritual do homem. Isto é, a percepção fundamental da irredutibilidade do homem ao pensamento, preferivelmente que à ação. Essa unidade dinâmica é reservada ao próprio tempo como um dado e um dever.

Um dado: o ato plasma o coração e o enriquece da história, o coração destina o ato e o purifica das inércias e idolatrias do eu. *Um dever*: a ação humana, estruturalmente incompleta e de valor simbólico, retorna por si ao próprio cumprimento, na oração. A ação humana, como mostra a última hora de Jesus, se cumpre no confiar-se nas Mãos maiores, as de Deus Pai.

Tal experiência limite retorna à função unificante de um sentimento humano fundamental, que São Bento compreende como o fundamento da vida contemplativa, alma da investigação da oração contínua: *o sentimento da presença de Deus*, precedendo qualquer distinção entre ato exterior e pensamento contemplativo. Base da escuta geradora.

Ora et labora

O sentimento da presença, o "temor de Deus", é o horizonte no qual germina o *ora et labora* do ponto de vista evangélico, a saída do sujeito no ato do amor é, por si, a resposta de fé adequada ao vir gratuito de Deus (constatamos em Mt 25, 31-46 ou Lc 10,28-37; Jo 13,1-15). Ou seja, em São Bento e na sua percepção sobre a preciosidade do ato, é determinante, também se apenas aproximada, a percepção do êxtase da ação, que o papa Montini, o papa "monge", em um escrito inédito sobre o *ora et labora* intuiu tão bem e escreveu:

> Faltaria estudar um ponto muito interessante, o do êxtase da ação. Se a caridade é o primeiro preceito, e aquela dirigida ao próximo é o segundo e quase extensão e aplicação do primeiro, dificilmente se poderá exceder ou errar abandonando-se a uma atividade que esteja toda a serviço caritativo da glória de Deus e da saúde do próximo. A dedicação absoluta restitui à alma aquela unidade que a atividade exterior poderia fazer perder.

Nas entrelinhas, a reforçar esta figura de homem espiritual, pode-se ler impressa a experiência de Jesus, que manifesta em si a energia potencial de redesenhar radicalmente a figura da unidade do espírito humano: Jesus, o Filho, o orante que trabalha. Na oração, de fato – e a biografia de Bento, contada pelo papa Gregório o confirma – se vive a experiência da *irradiação*. O diálogo de amor com o Senhor, o deixar-se amar por ele como a quem se confia e se abandona, faz surgir no coração uma insuprimível carga dilatável e irradiante de amor que leva a viver a cotidianidade como natural prosseguimento da oração, ou melhor, como prosseguimento necessário, quase como se permanecendo fechados na oração, se poderia implodir. Nesse sentido, ação e contemplação não estão como alternativas ou antíteses. O papa Paulo VI, no trecho acima citado, assim se exprime:

A cotidianidade é o lugar no qual a oração se expande para pousar sobre cada realidade amada por Deus, o olhar e a mão recebidos dele, aprendidos por Jesus, o Filho, que tudo recebe do Pai. A oração não é uma operação mental, é construída no coração, e o coração, se consideramos o aspecto fisiológico que é a base do símbolo, é o órgão que faz circular o sangue, o recebe e difunde para todo o corpo, não o retém. Quando se percebe que o momento da oração está em antítese, em tensão, com as atividades cotidianas, quer dizer que não está sendo vivido e nem foi entendido no seu verdadeiro sentido.

Rezar é diálogo com Deus que impulsiona, como consequência natural da oração, a agir no mundo; dá sentido a esse agir e revela a sua preciosidade: a cotidianidade é o lugar no qual se manifesta a plena natureza da filiação prolongada provinda da oração. Jesus vive em diálogo incessante com o Pai, mas, segundo a narração evangélica, apenas em preciosos e concentrados momentos se retira em oração solitária. Nos Evangelhos nós o vemos viver e agir no meio dos outros. São Bento, que enunciou o princípio do *ora et labora*, na sua Regra, afirma que a oração deve permanecer "breve e pura".

A contemplação: um estilo

Contemplação é, portanto, um estilo, mais do que uma dimensão contraposta à ação. No sentido que é a forma de todo pensamento, que o torna prático; e é a forma de todo agir, que o torna simbólico. É a atenção total, no sentido – para entendê-la – em que Simone Weil entendia a atenção: «um olhar que antes de tudo é um olhar atento, com o qual a alma se esvazia completamente do próprio conteúdo para acolher em si o ser que está olhando». Inseparavelmente olhar que admira, maravilhado, e olhar que, amoroso, interroga.

Mas contemplação é também um "estilo" do ato: não do "morde e foge". Não da quantidade. Da graça que precede, é submetida àquilo que é nada (1Cor 1,28), acompanha, conforta, gera e regenera.

No tempo de são Bento, a comunidade eclesial e a sociedade humana mostravam muitas semelhanças com as condições atuais da vida humana. As desordens da coisa pública e a incerteza do futuro, a origem de guerras iminentes ou já existentes, causavam males que levavam as almas à depressão e à angústia: até o ponto de considerar a vida sem sentido ou significado válido. No entanto, em âmbito de Igreja, estava em ação uma árdua e diuturna controvérsia pela qual os homens impetuosos investigavam, de forma preferivelmente

animosa, os mistérios de Deus, especialmente a imperscrutável verdade da divindade do Filho e da sua genuína humanidade.

São Bento, considerando atentamente este estado de coisas, pede a Deus e à viva tradição da Igreja, a luz e o caminho a seguir. A resolução tomada por ele, uma forma de vida alternativa eficazmente sintetizada no binômio "reza e trabalha", pode ser considerada o paradigma do estilo cristão que – certo – deve ser depois orientado na variedade das figuras.

Contemplativo, assim, é adjetivo radicalmente redefinido no substantivo ao qual se aplica: a vocação à bênção "em todo tempo", seja no rezar como na fadiga da ação.

Narra um conto dos sábios de Israel, que quando Deus estava para criar o mundo, as 22 letras do alfabeto hebraico se dispuseram ao redor dele e cada uma suplicou: cria o mundo através de mim! Em vista da escolha, cada letra recordou ser a inicial de um dos nomes de Deus ou de algum de seus dons mais significativos. Mas pesarosamente, a cada letra foi respondido que com ela também se iniciavam palavras más e de pecado e por isso uma a uma foram descartadas. Por fim – aproximou-se ao Santo, Bendito ele seja, a letra Bet (B) que assim rezou: «Senhor do mundo! Cria o mundo, te rogo, através de mim, para que todos os habitantes do mundo te louvem cada dia através de mim, como é dito: Bendito seja o Senhor cada dia e sempre. Amém, Amém». O Santo, Bendito ele seja, acolheu imediatamente o pedido de Bet, como está escrito: «Bereshit... No princípio Deus criou os céus e a terra». Eis a explicação do porquê a primeira palavra da Bíblia hebraica iniciar com um B.

Através de um conto fictício, a verdade ensinada é mais que fantástica: consiste em proclamar que o sentido da criação e do homem no mundo é de bendizer a Deus e render-lhe graças em todo tempo e através de cada ato diário que, de tal modo, participando da graça criadora, é adoração em espírito e verdade.

Madre Ignazia Angelini
abadessa do Mosteiro beneditino
de Viboldone (Milão)